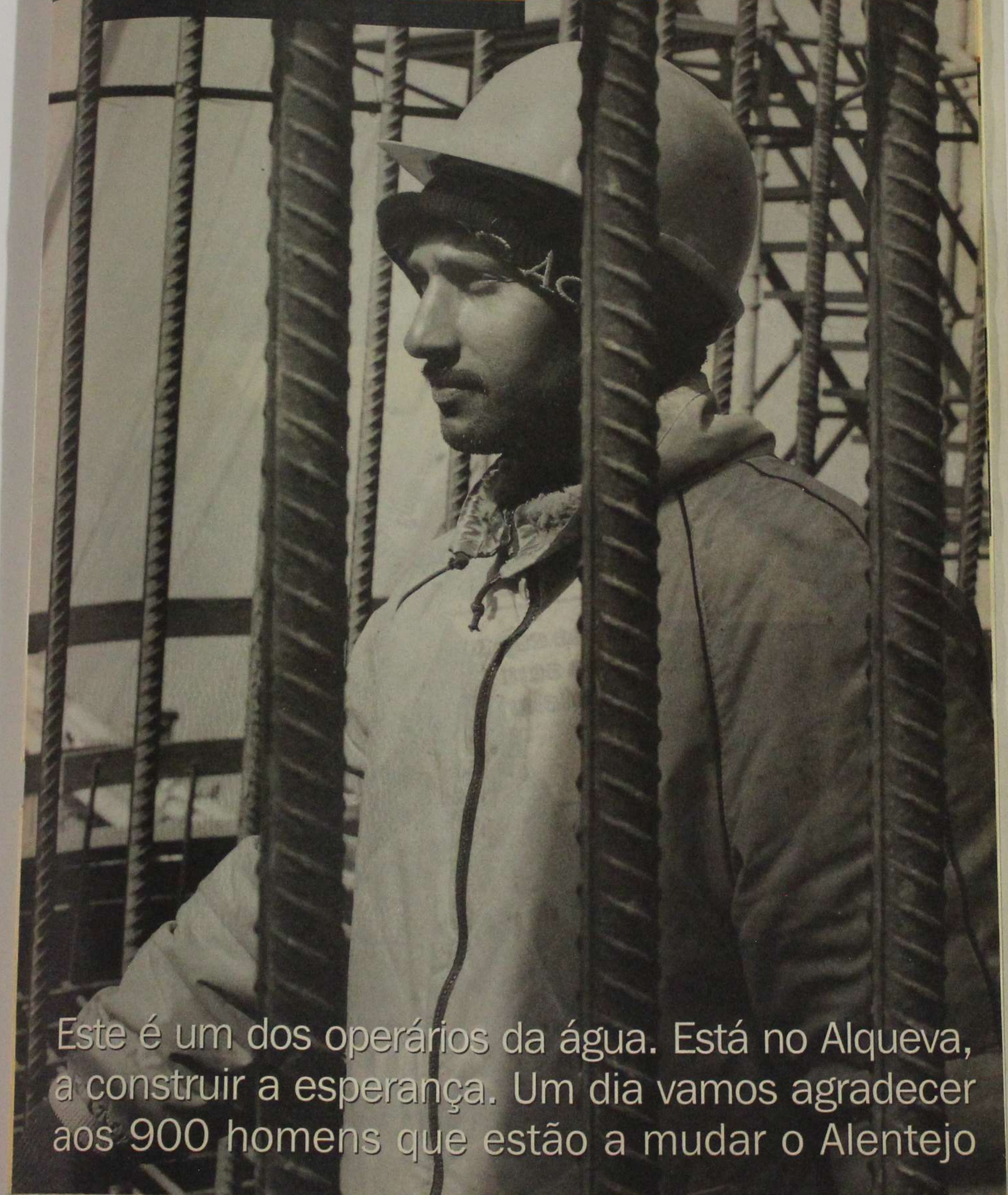


Dna



Este é um dos operários da água. Está no Alqueva, a construir a esperança. Um dia vamos agradecer aos 900 homens que estão a mudar o Alentejo

Danças com o Tempo

Margarida de Abreu, a pioneira e impulsionadora incontestável da dança em Portugal, comemorou ontem em São Carlos os seus sessenta anos de actividade. Como? Sessenta, isso mesmo, e sem vontade de parar. O DNA junta-se à consagração e viaja por toda a sua vida

TEXTO DE TERESA MAIA E CARMO
IMAGENS DO ARQUIVO DA FAMÍLIA

«A vida tem um destino», acredita aos 84 anos D. Margarida de Abreu. Devia ser essa certeza que levava dentro quando, aos 17 anos, embarcou para Geneve para frequentar o Instituto Dalcroze, a prestigiada escola do homem que inventara a «rítmica» e marcara decisivamente a transição para a modernidade na dança. Estávamos no ano de 1933, época em que uma desordem de caleidoscópio matizava o mundo, ainda inocente da guerra por vir. Era quando já George Gershwin fazia ouvir em Nova Iorque as suas prodigiosas misturas de música popular com os ritmos do jazz; quando Helena Rubinstein voara da sua Cracóvia natal para a Austrália, abrin-

do o primeiro salão de beleza de um vasto império que nasceria das receitas de um curandeiro húngaro para as queimaduras solares, raiz dos primeiros pós de maquilhagem para o rosto; ou ainda quando uma trupe vanguardista de «espírito moderno» se agrupava nalgumas cidades europeias a trilhar caminhos futuros para as artes, com as maluqueiras da pintura abstracta e quejandos de Mondrians, Delaunays, Picassos e companhia. O ano também em que Hindenburg nomeia chanceler Adolf Hitler. E o do plebiscito da Constituição de Salazar.

Não eram manchas que Margarida levasse no horizonte. Ia cumprir um sonho que dura há 60 anos, e sonhos destes não admitem nuvens. Herdara certamente os genes fortes da mãe, suíça de ideias arejadas para a época, que cativa Afonso Costa, o fun-



RUY DE CARVALHO, actor: «Devo a D. Margarida ter conhecido a minha mulher...! A grande mestra, coreógrafa e conhecedora da dança foi sem dúvida a pessoa que mais incrementou a dança em Portugal. As aulas de Dança Teatral eram divertidas. Nós fazíamos danças de salão, tarantelas, mazurkas, etc, e, aí, era sempre a sério. Cá fora, depois, era a amiga.»

RUTH ARAGÃO, ex-bailarina, casada com Ruy de Carvalho: «Comecei com ela muito cedo, aos quatro anos. Marcou-me muito. Tenho-a como grande amiga e pessoa que admirei e admiro muitíssimo — foi quem abriu as portas da dança em Portugal, com a sua força de vontade e amor pela arte. É a Ninette de Valois portuguesa. O Círculo de Iniciação Coreográfica foi uma época muito bonita da minha vida. Recordo com especial carinho «As Chopinianas», «Quadros de Uma exposição»... Era um grupo que amava intensamente o «ballet» e se fez com muitas dificuldades, muito boa vontade. Quase todos os que começaram com ela ficaram esmagados pela sensibilidade extraordinária para a música e o movimento. Além disso, tem uma parte importantíssima na minha vida, por ter sido nas suas aulas que conheci o meu marido. São 46 anos de casamento, mais nove de namoro...»

VÍTOR DE SOUSA, actor: «Mesmo se não me tenho cruzado muito com ela nos últimos tempos, como com a D. Germana Tânger, estas são as duas mestras por quem tenho o mais especial carinho. Tenho a sensação de ter sido um dos seus mais desajeitados alunos: fui sempre muito preguiçoso, um bocadinho paquiderme, e ela foi sempre de uma paciência muito grande comigo. Recordo-a como mulher de uma beleza extraordinária, por fora e por dentro. A alegria e o entusiasmo que tinha em preparar os alunos eram evidentes. Acho muito bonito poder juntar amigos e colaboradores neste espectáculo.»

dador da República, ao ponto de este a convidar para preceptora dos filhos. «A minha mãe era muito culta. Falava francês, inglês e alemão à mesa com os filhos do Afonso Costa. E apaixonou-se por Portugal.» Apaixonou-se também por António Barros Mendes, solicitador e cunhado do político, casando com ele e com o País para sempre. Da união nasceram as duas filhas, criadas num ambiente intensamente musical que lhes vai marcar as tendências para sempre. Maria Helena há-de casar com Freitas Branco, tornar-se musicóloga e professora de ioga de perfil excêntrico e impagável. Em Margarida, a mãe detecta certa inclinação para a dança e, a par da formação no Colégio Alemão, inscreve-a nas aulas de iniciação de Cecil Kitkat, uma «dalcroziana» inglesa a trabalhar no Instituto de Odivelas, que dava brado em Lisboa pela modernidade das suas tendências. «A minha mãe ouviu falar na Miss Kitkat e inscreveu-me imediatamente. Ela adorava viver em Portugal, mas dava-se sobretudo com a comunidade estrangeira, pela abertura das ideias...»

Os anos da infância são felizes e despreocupados, «sem história», como sublinha hoje. Das complicações ligadas à actividade política do tio Afonso Costa, pouco recorda. «Lembro-me vagamente de a casa da Duque d'Ávila, onde vivíamos, se encher de repente! Era gente das políticas na altura quente, mesmo se o meu pai não se metia em políticas.» Vai fazendo os seus estudos no Colégio Alemão, quase falando melhor aquela língua que o português («por isso digo que tenho uma formação muito mais alemã que suíça») e não chega a fazer os exames. «Não gostava nada da Matemática, aquilo não dava comigo.» É aqui que a apanhámos no início, com 17 anos e alma à larga, metendo pés a caminho de Génève a marcar encontro com o tal sonho. Foi? «Deve ter sido...» É fácil imaginar a bonita rapariga loura que as fotos hão-de cristalizar: porte alto encimado por um pescoço elástico, coroado por um rosto de sonho. Os olhos grandes derramam as longas sobrancelhas, muito direitas, na base da imensa testa aristocrática, coroada pelo eterno penteado arrepiado ao alto numa «banana». Que ainda hoje usa.

O método do inovador Dalcroze marcará para sempre a sua visão da dança. «Ele era um homem baixinho, redondinho — fazia-me lembrar o Eurico Lisboa —, não era bailarino, vinha da música, mas achava que o ensino não estava bem.» Inicia então os fundamentos dum sistema de interpretação plástica das composições musicais, criando assim a «Ritmica». Em Abril de 98, em comunicação apresentada no Seminário «Metodologias Comparadas de Educação Musical», D. Margarida de Abreu cita algumas das mais carismáticas frases que sintetizam as ideias do Mestre: «a ritmica é um cruzamento entre o tempo, o espaço e a energia», ou «a música dos sons e a música dos gestos têm de ser animadas pela mesma emoção». Com a ritmica por caminho, D. Margarida termina o curso de três anos, em 1937, e estuda posteriormente na Deutsche Tanz

Schule de Berlim, no Royal Ballet em Londres e na Hellerau Laxenburg Schule, de Viena. Juntam-se ao que sabia a dança clássica, a teatral, a coreografia, pedagogia e técnica expressionista. Ainda soou em ficar pelas Europas, principalmente depois de se cruzar com Kurt Joss, cujo trabalho a fascinava e a convidava. É aí que nascem as ideias que mais tarde exporá no célebre «Manifesto» («havia ali muita técnica — percebi que, sem isso, não havia estilo»). Mas o pai não foi em cantigas. «Disse-me «minha filha, tens é de voltar para cá e trabalhar», e nessa altura não se discutia o que os pais diziam.» Era um pai severo? «Não, era uma jóia de pessoa, mas era mesmo assim.»

Margarida regressa e oferece os seus serviços aos colégios, tornando ao Instituto de Odivelas, onde organiza as festas finais. «Adorei! Habituei-me a lidar com muita gente, a fazer festas ao ar livre. Aprendi... fazendo.» Depois regressa a Viena, em missão de estudo, e é lá que se encontra (juntamente com a irmã) quando rebenta a guerra. «Foi o alarme geral: fomos todas chamadas à sala principal e comunicaram-nos — há guerra. Ficou tudo aflito e toca a fazer as malas.» A sua costela germânica impede-a de entrar em pânico. «Tínhamos bilhete de ida e volta e eu só pensei que tinha de me vir embora.» Tentou primeiro obter visto para a Suíça, para se reunir com a família da mãe, que incluía o grande teólogo Karl Barthe. Não lho deram, mas recorda-se desse «Estáio»? «Era uma pessoa fantástica. Sentia-se que estava acima de nós. Há pessoas em que isso não se sente nada... A seguir ao almoço gostava de convidar todos a tomar um cafezinho, beber qualquer coisa e ouvir Mozart.» Então vem pela Itália, apanha o barco em Nápoles, até Barcelona, numa viagem dura e acidentada. E assim que ganhará a ciática numa perna que a há-de impedir de se tornar bailarina, mas adiante. A cidade reflectia a guerra civil que assolava Espanha. Ela, porém, que se diz uma pessoa «muito tímida», não se atrapalhou. «Quando chegámos a Barcelona estava o cais todo espatifado. Lá vi um padre espanhol, de grande chapéu, e disse-lhe que estávamos sozinhas e não tínhamos onde ficar. Ele arranhou-nos um quartinho — aquilo nem era uma pensão —, e lembro-me tão bem do pequeno almoço...! Era café e um naco de pão preto, pequenino, que me soube pela vida! Depois metemo-nos no comboio, muito apertadas, sem refeições... mas tínhamos dinheiro, o que ainda hoje acho fantástico — é que o nosso dinheiro valia alguma coisa. Quando entramos em Vilar Formoso, ah, que alegria, tudo aquilo me parecia lindo, branquinho e florido.»

Chega e não desarma. Vem cheia de ideias de criar uma escola de dança autónoma em Portugal, um desejo que perseguiu implacavelmente durante anos. Abre a sua própria escola, na Casa dos Açores, à Rua Castilho: «Em 1938 comecei com a minha escola, com todas as meninas-bem de Lisboa.» Era o início de um jovem amor aventureiro que a faria perder-se (e encontrar-se) por dentro desse sonho diamantino de impulsionar a dança em Portugal. «Era muito revolucionária, acho que sim, porque queria fazer as minhas coisas. Queria convencer as pessoas de que a dança era uma coisa séria, para lá das duas únicas maneiras como era entendida aqui: ou Parque Mayer ou «hobby» de sociedade.» Como conta o crítico de dança Tomás Ribas, é nesta altura que «emprende a sua obra de precursora procurando organizar entre nós, e em sólidas bases pedagógicas, o ensino da Dança e impulsionar um movimento tendente à criação de uma tradição nacional de dança clássica». Ivo Cruz vê as festas que Margarida organiza no Trindade e convida-a para o Conservatório. No dia em que assume funções (será professora da casa durante... 50 anos) faz o mesmo percurso de sempre. «Apanhava em Odivelas uma calèche com umas mulas até ao Lumiar, daí o carro eléctrico até ao Elevador da Glória e depois lá fui, a pé.» Ia dar aulas a alunos do Curso de Teatro, em que a dança era uma disciplina opcional, e o que havia era o «curso de bailarinas». «Como fiz? Olhe, comecei a mexê-los. E eles a acharem graça. E, com ajuda do Tomás Ribas, fui assegurando... ia pedindo que viessem mais. Diziam-me que aqueles rapazes do teatro eram ordinários — pre-



conceitos, pois — e eu jamais tive razões de queixa.» Mais preconceitos foi ainda D. Margarida vencendo ao pôr rapazes a dançar. É dessa altura que desfia uma série de nomes ilustres que lhe passaram pela mão, uma galeria de alunos de fazer inveja a qualquer professor. O futuro casal Ruy de Carvalho e Ruth Aragão (ver depoimentos), Armando Cortês, mais tarde Nicolau Breyner, Vítor de Sousa, entre muitíssimos outros, além, claro, do núcleo duro com quem formou o arrojado Círculo de Iniciação Coreográfica, em 1944.

É que Ivo Cruz, o director do Conservatório, «era muito simpático, mas não tinha visão. Dizia-me: «a D. Margarida está muito bem assim, mais não faz falta»». E ela ouvia, mas não desistia. A filha, também Margarida, com uma longa prática da dança no estúdio da mãe, mas optando por um percurso diferente (licenciada em História, é hoje chefe da Divisão das Relações Exteriores da Universidade Aberta), define na mouche as que considera serem as suas três principais características: «coragem, tenacidade e independência. Com as respectivas qualidades e defeitos, com tudo o que isso implica». D. Margarida agarra numa série de maquetes e figurinos de um espectáculo que idealizara e pede para ser recebida por António Ferro. «Mesmo com as cartas de recomendação que ia, ele disse... não. Que não apoiava. Então, faço sozinha, pensei. É por isso que digo que sou um pouco louca. Eu tinha uns amigos de Belas-Artes, uns rapazes giros, e resolvi

convidá-los para assistir a uns ensaios. Apareceu o Armando Jorge, o Fernando Lima, o meu futuro marido, João Salomão, Bento José da Câmara, Tomás da Costa, e aquilo foi avante com o empenho de todos.» A estes se juntaram algumas das suas melhores alunas, como Anna Maria (Anna Mascolo), Ruth Aragão, Amélia Matta, Lilly Neves ou Águeda Sena. «Aquilo» foi um estouro na cena artística de então, paralisada pela «política do espírito» de A. Ferro e as suas pitorescas concepções de «salas de visitas» do país (como o São Carlos) verso cultura para o povo. Havia confrontação directa com a filosofia do regime? «Nós éramos do contra. Mas eu não fazia ondas e eles também não se metiam na minha vida.»

Por esta altura, o único grupo de dança organizado era o Verde Gaio. Fundado em 1940 por Francis Graça, fazia figura de raiço perante a «pobrezi-

nha» Margarida de Abreu, que sempre trabalhou sem subsídios (e olhem que já se usava...). O Verde Gaio, conta D. Margarida, que, por ironia do destino, lhe haveria de tomar as rédeas (com Fernando Lima, em 1960), «era uma estilização da dança folclórica. Era muito bonito para ver, tinha figurinos célebres, mas a verdade é que não sabiam dançar». O Círculo de Iniciação Coreográfica (CIC) era outra loiça. Um acontecimento foi importante para a boa recepção que teve a sofisticada linha do CIC. Ainda durante a guerra vieram a Lisboa os notáveis Sakharov. «Já todos acharam muito bonito, mais moderno, porque até aí a dança em Portugal era só pontinhas.» Aqui já Margarida de Abreu integrava o corpo docente do Conservatório Nacional como professora do tal Curso de Bailarinas e de Dança Teatral no Curso de Teatro. Continuando a ouvir o especialista Tomás Ribas, «impossibilitada por obstáculos burocrático-oficiais de restaurar ali o ensino da Dança, cria e funda em 1944 o CIC — do qual mais tarde iriam sair os Bailados de Margarida de Abreu e o Bailado em Acção —, do qual foi directora até ao ano da sua extinção, em 1960». Água mole em pedra dura...

No ano seguinte, publica o seu célebre «Manifesto», uma atitude temerária e invulgar para a época. Pisava terreno rijo e longe de estar fértil. Mas escrevia: «Música feita poesia, poesia feita dança — plástica da atitude, expressão da máscara, harmonia do movimento, contraponto do gesto, sugestão

PEDRO PAZ, 21 anos, bailarino: «É a única figura em Portugal que aparece nos livros internacionais sobre História da Dança.»

ELSA ALVÉOLOS, 31 anos, professora de dança e aluna de MA: «É uma personagem única na dança. Como mulher, vive única e exclusivamente para o trabalho. Desde sempre. Continua a ser um exemplo.»

ANA TERESA VAZ PEREIRA, 23 anos, estudante e aluna de MA: «É muito rigorosa. E sabe ser muito nossa amiga.»

FILIPA AZINHAI, 26 anos, advogada, aluna de MA: «É uma pessoa apaixonada e inovadora. Está sempre a mudar. Transborda criatividade.»

FILIPA FRANCA, 35 anos, advogada especialista em obras públicas: «É a essência do artista enquanto tal: muito criativa e virada para a sua arte, por isso acaba por ter algum mau feitio — complica-lhe o sistema saber que as pessoas não vivem só para isto. É quem dá as melhores aulas que vi na vida. Disciplinada, toca piano, dá a barra, corrige, marca, continua a tocar... e ainda muda o exercício a meio! A forma como coreografa, como tem uma ideia na cabeça e a vai pondo nos nossos corpos, é fascinante.»

LEONOR CORREIA GUEDES, 26 anos, médica: «Tem um extremo bom gosto na escolha das músicas. E sensibilidade para as nossas fraquezas.»

SANDRA BATAGLIA, 35 anos, professora de Dança: «Não são as pessoas que fazem a História da Dança, é a própria Dança. E ela é a Dança. Alia uma cultura musical pictórica a um enorme bom gosto estético: quase toca a perfeição. Ainda hoje consegue evoluir. Uma aula com ela é toda sensações. É genial. Danço com ela desde os quatro anos, ininterruptamente: é para mim como uma segunda mãe.»

do ambiente. Tal é a definição do bailado que muito sinceramente aqui se propõe; ou «nem só virtuosismo escolástico, pois sem coração não há arte, nem só inspiração plástica, pois sem técnica não há estilo: fusão estética do corpo e da alma, ardentemente emotivamente nas etéreas regiões do sonho»; ou ainda a quase profética afirmação, se lida hoje: «Na descoberta desta conciliação, tarefa para que talvez não baste a vida inteira, reside sem dúvida o sentido pessoal da novel escola». Era a defesa da sua concepção modernista da dança que fez questão de entregar pessoalmente em São Bento e, em mão, a Ivo Cruz. «Ele fez uma cara...!», lembra, divertida, «e eu —Olhe, são as minhas ideias...». Com que então tímida? Cá estão a independência, a coragem e a tenacidade a marcarem-lhe o caminho. Em 1946 esgota o São Carlos («era a pagar, não era uma sessão de convites e borlas», frisa) e encanta a crítica da época com o ecletismo da sua cultura coreográfica. Surpreendeu o grau técnico e entusiasmou a beleza, vastos e delicados esplendores terá logrado o seu estilo. Vale a pena ler o que escrevia aqui, no Diário de Notícias, A. Joyce: «As interpretações coreográficas do soberbo conjunto foram a melhor projecção para a poesia mímica, para o sonho visível, para a graça ritmada, do som transportado até aos olhos — como dizia Gautier. Mais do que um regalo — foi uma vitória.» A 6 de Julho, o saudoso Diário Popular vaticinava: «Espectáculo invulgarmente interessante. Um excelente esforço e uma simpática ânsia de bem servir o bailado, sem raízes entre nós.» O imprescindível Diário de Lisboa dizia num dos seus «Ecos», pela pena de Joaquim Manso: «O espectáculo de ontem à noite em São Carlos foi um oásis no deserto. A coreografia portuguesa, há tantos anos tratada como parente pobre, conquistou uma posição heráldica. A quem se deve tamanho êxito? A professora Margarida de Abreu, que, sob uma aparência frágil, esconde uma vontade de ferro... e que o público selecto aplaudiu entusiasticamente, por entender quão raro se produzem em Portugal os milagres como os de ontem.»

A aparência frágil mantém-se. A vontade de ferro também. A História farta-se dos violentos, e D. Margarida é disso a maior prova. Para trás ficaram centenas, milhares, de alunos e alunas (ver depoimentos), dúzias de expressões carismáticas, como «não quero pontes sobre o Tejo!» ou «pastéis de bacalhau» e um rasto de gratidão nem sempre fluido, mas, acredito, sempre constante. As vezes secreto, na memória de quantos marcou com o rigor diamantino que lhe sustenta a jornada, às vezes bem público, como atesta a quantidade de troféus e distinções de que tem sido alvo ao longo da carreira. O grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública (79), o Troféu da Casa da Imprensa (79), a Medalha Almeida Garrett (80), o Sete de Ouro (88) e a Medalha de Mérito Artístico de Dança do Conseil International de la Danse (UNESCO) pelo Conselho Brasileiro de Dança (90). Ao longo das três últimas décadas foi comemorando os 30, os 40 e os 50 anos de actividade com homenagens várias — numa das mais bonitas, o Conservatório deu o seu nome

à sala onde leccionou 40 anos. Não parece de mais. O 25 de Abril apanhou-a no pandemónio geral que se instalou e D. Margarida nem pestaneja quando evoca essas épocas. «Não tenho razões de queixa, mas houve, claro, algumas coisas que me magoaram. Houve quem se tornasse logo chefe e muito importante. Eu respondia sempre com umas histórias, umas lembranças — recordam-se daquela «tourné» em Luanda? quando uma das bailarinas desapareceu e foi a Margarida que se meteu num táxi, mais a costureira, para a ir buscar? Lembram-se de Tóquio, em que partilhei convosco aquele quatinho minúsculo, com o mesmo lençol de papel?»

Hoje, não deixa de acompanhar a dança contemporânea. Continua atenta às novas técnicas que porfia em aprender e executar, mas sente-se que toma os tempos como insensatos. «Estou sempre a aprender. Eles hoje são fantásticos tecnicamente, mas são umas máquinas acrobáticas. Não percebo a mensagem? O que querem dizer?! A mim não me transmitem nada. Depois, não há música, mas apenas um acompanhamento, um fundo. Não há uma peça, não há coragem. Não me entusiasma porque não a percebo, compreende?» A ela, a quem deslumbraram os impressionistas, como Debussy ou Stravinsky, e, mais recentemente, Mahler. A ela, que diz, com a mesma naturalidade de quem tem tudo por fazer, «só agora, depois de velha, sinto que sou capaz de fazer um Bach como eu sonhava. Chame-me bota-de-elástico, pronto!». Depois do São Carlos — onde vão dançar a Escola de Dança do Conservatório Nacional, a Escola Superior de Dança, a Academia de Dança Antiga de Lisboa, a CeDeCe, a Companhia Nacional de Bailado e a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, ao lado do seu próprio grupo (o «Stadium») —, D. Margarida pensa já na hipótese de um outro espectáculo, «A Menina dos Olhos Verdes», com música de Cláudio Carneiro. Aos 84 anos, e depois? «Vivo um momento atrás do outro. Agora estou a viver o momento São Carlos, depois o que se segue». Parar? A expressão no rosto enrugado, vivíssimo, é quase de «que-pergunta-mais-tonta-essa». «Enquanto tiver pessoas que queiram trabalhar comigo... vou trabalhando.» A verdade é que tem indefectíveis, como a que chama na intimidade «a classe das senhoras», constituída por alunas que estão com ela, algumas desde os 4 anos de idade, e chegam a fazer 200 km ou apanhar o avião para não falharem um ensaio, faça chuva ou faça sol. A isto chama-se o quê?, personalidade? Não sei, mas impressiona. Ouvir estas mulheres feitas, às 23h, a gabar em unísono as qualidades da Mestra é uma passagem comovente deste caminho. Obrigá-nos a guardar respeito e a voltar ao «Manifesto», quando lembrava que dança «etimologicamente significa elevação e extensão, no sentido de espontânea reacção plástica do corpo sob o estímulo da emoção interior». E honrar o que já então escrevia: «Foi necessário partir do zero; ensinar os intérpretes e preparar o público; difundir os princípios da estética directriz; renunciar a proventos e assumir compromissos; ir caminhando a passo e passo, cerrando os dentes, anos sem conto.»

«Se não apontares ao impossível te sairá baixo o tiro ao possível.» A tempera de lutadora e pioneira dá razão ao dito de Agostinho da Silva. Mesmo se hoje já não dá tantas aulas quantas gostaria, ainda passa quase todos os dias, das três da tarde às onze da noite, no seu estúdio particular, à Praça de Espanha. À entrada, o vidro martelado avisa apenas em letras sóbrias «Margarida de Abreu». Lá dentro a luz exuberante doira a barra que apoiou e suportou ainda tantos braços e pernas, o amplo soalho a dar para o verde, sempre o verde — uma das suas cores favoritas, poderia apostar. Ao contrário do que aconteceu anos a fio, já não encerra o trajecto diário com os jantares tardios no Monte Carlo, com o escultor João Salomão. Um casal de amor temporário («pus sempre a vida profissional à frente da outra, por isso casei tarde — e não me faltavam pretendentes...») mas para sempre. Foi pena se não conseguisse assistir ao espectáculo de ontem no São Carlos. Se toda a história que vale é a do futuro, foi mesmo. ■

